

A BUSCA CLARICIANA EM APREENDER OS INSTANTES FUGIDIOS: UMA LEITURA A RESPEITO DE ASPECTOS TEMPORAIS EM “ÁGUA VIVA”

THE CLARICIANA SEARCH FOR APPREHENDING FLEETING MOMENTS: A READING ABOUT TEMPORAL ASPECTS IN “ÁGUA VIVA”

EI BÚSQUEDA CLARICIANA EN APROVECHAR LOS MOMENTOS FUGACES: UNA LECTURA SOBRE LOS ASPECTOS TEMPORALES EN “ÁGUA VIVA”

*Marilia Danielle Santos CERQUEIRA**

Resumo: O artigo constitui adaptação de trabalho final do curso de Mestrado em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA (2013). Propõe-se a analisar certos aspectos temporais em “Água viva”, de Clarice Lispector, além de apresentar uma possível leitura da obra, acerca da busca empreendida por vivenciar os instantes de forma plena. Neste estudo, o enfoque é direcionado ao contexto cultural e artístico do século XX, no qual, segundo Mendilow (1972, p. 11-17), há espécie de “obsessão pelo tempo”, como consequência da velocidade nas transformações sociais e transitoriedade das relações. ROSENFELD (2006) aponta para um processo de desmascaramento, em que as “aparências exteriores”: o tempo cronológico, o espaço e a noção de causalidade se decompõem na narrativa, a fim de privilegiar a representação da realidade íntima. Desse modo, entende-se que “Água viva” demonstra o desejo pelo inalcançável: paralisar o fluxo temporal e apreender a vivência intensa de cada instante.

Palavras-chave: “Água viva”; Aspectos temporais; Contexto histórico: século XX; Fugacidade temporal.

Abstract: This article is adapted from the final work of the Master course in Literature and Culture of the Federal University of Bahia – UFBA (2013). It is proposed to analyze certain temporal aspects in “Água viva” by Clarice Lispector, and present a possible reading of the work, about the search undertaken by experiencing the moments in the best way. In this study, the focus is directed to the cultural and artistic context of the twentieth century, in which, according Mendilow (1972, p. 11-17), there is an “obsession with time” as a result of the speed in social transformation and transience of relations. ROSENFELD (2006b) points to a process of unmasking, in which the “outward appearances”: the chronological time, space and the notion of causality decompose in the narrative, in order to privilege representation of internal

* Mestre em Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.
Contato: mary10md@hotmail.com.

reality. Thus, it is understood that “Água viva” shows the desire for unattainable: paralyze the temporal flow and grasp the intense experience of each moment.

Keywords: “Água viva”; Temporal aspects; Historical context: century XX; Temporal fugacity.

Resumen: Este artículo es una adaptación de la obra final del curso Máster en Literatura y Cultura de la Universidad Federal de Bahía – UFBA (2013). Se propone analizar ciertos aspectos temporales de “Água viva”, Clarice Lispector, y presentar una posible lectura de la obra, sobre labúsqueda emprendida por experimentar el momento em su totalidad. En este estudio, la atención se dirige al contexto cultural y artístico del siglo XX, e nel que, según Mendilow (1972, p. 11-17), no es una especie de “obsesión por el tiempo”, como resultado de la velocidad em la transformación social y la fugacidad de las relaciones. ROSENFELD (2006b) señala el proceso de desenmascaramiento, en la que los “apariencias”: el tiempo cronológico, el espacio y la noción de causalidad se descomponen en la narrativa, com el fin de privilegiar la representación interna de la realidad. Por lo tanto, se entiende que “Água viva”, muestra el deseo es inalcanzable: paralizar el flujo temporal y captar la intensa experiencia de cada momento.

Palabras clave: “Água viva”; Apectos temporales; Contexto histórico: siglo XX; Fugacidad temporal.

Introdução

É perceptível, de modo recorrente em obras de Clarice Lispector, o desejo de sentir o momento presente, o “pingo de tempo”⁹, entendido como instante de vivência plena. Diante dessa perspectiva, é possível compreender que, por mais que a escritora tente aprisionar momentos da vida física e da vivência espiritual, os quais passam junto com o tempo, não consegue controlar a fugacidade:

Estou tentando capturar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais, porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo. E quero capturar o presente que pela sua

⁹ Expressão retirada do romance de estreia de Clarice Lispector, “Perto do coração selvagem”, referenciado aqui por meio da edição de 1997, p. 20.

própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa [...]. (LISPECTOR, 2008, p. 9).

Observa-se a necessidade de viver de forma intensa o presente, caracterizado pelo momento exato em que as coisas acontecem. No entanto, a própria condição de linguagem transforma-se em empecilho: pelo imutável caráter póstumo em relação aos acontecimentos; e a si mesma, por ter ritmo e, portanto, só ocorrer no tempo.

A tentativa frustrada de aprisionar os instantes e vivenciar de modo pleno o presente não se apresenta apenas na narrativa de Clarice Lispector. Há posicionamentos e perspectivas semelhantes que emergem nas obras de outros escritores, ao longo de todo o percurso da história da literatura, em contextos ideológicos e culturais diversos. Porém, a fim de particularizar o momento de produção da obra, opta-se aqui em privilegiar a sensação de fugacidade temporal vivenciada pelo homem moderno, no século XX, com o desenvolvimento dos meios tecnológicos e a acelerada dinâmica econômica, política e social.

Diante de tal contexto, segundo Mendilow (1972, p. 11-17), verifica-se uma espécie de “obsessão pelo tempo”, como consequência do acelerado ritmo das transformações sociais e transitoriedade das relações. As mudanças produzem sentimentos de incerteza e incompreensão diante da fugacidade temporal, que se transforma em temática constante na literatura e nas inquietações do homem da época. Em âmbito geral, pode-se dizer que há tendência à negação do realismo e da arte como representação mimética da realidade.

A tentativa de dar expressão a estados psíquicos também se torna presente nas narrativas literárias e nas diversas formas de manifestações da arte moderna. Representações da vida psíquica estabelecem uma ordem para a narrativa que já não corresponde à realidade palpável. O tempo, forma relativa da consciência, permeia por terrenos pouco nítidos, e a ordem cronológica dos acontecimentos se confunde com os fatos e o fluxo da consciência.

O monólogo interior se torna o mais eficiente meio para reproduzir a experiência psíquica e a supressão da ordem temporal é inevitável. Rosenfeld (2006) aponta para um processo de desmascaramento, no qual as “aparências exteriores” como o tempo cronológico, o espaço e a noção de causalidade se decompõem no romance. Neste sentido, a representação da realidade passa a

reproduzir a impressão do real, o fluxo da vida absorve o indivíduo; e a relação do homem com o mundo caracteriza-se por cisão e distanciamento. Ao penetrar nos mistérios do inconsciente, o romance psicológico revela as inquietações do ser humano, transcendendo o próprio indivíduo e a humanidade:

O tempo linear, cronológico, se apaga como mera aparência no eterno retorno das mesmas situações e estruturas coletivas. Na dimensão mítica, passado, presente e futuro se identificam: as personagens são, por assim dizer, abertas para o passado que é presente que é futuro que é presente que é passado – abertas não só para o passado individual e sim o da humanidade [...]. (ROSENFELD, 2006, p. 89-90).

Numa tentativa de superar a realidade sensível para alcançar a essência das coisas, ultrapassa-se a mera aparência. No entanto, a impressão de fluxo acelerado, que caracteriza as sociedades impulsionadas por desenvolvimento intenso, constitui consequência da rapidez das transformações que impede a permanência dos fatos passados na memória, o que gera sensação de fugacidade temporal. O momento de realizações é o presente, o qual deve ser vivido de forma intensa, pois os acontecimentos, e as relações interpessoais caracterizam-se como fugazes. O tempo é visto, assim, sob o estigma da velocidade, que domina as mais variadas formas de manifestações artísticas:

A preocupação pelo tempo revela-se em tôda a arte, nos andamentos inquietos, ágeis e sincopados do jazz, e na libertação do acento da estrutura do compasso na música moderna. Está presente na busca dos poetas por ritmos mais livres em distinção aos padrões comparativamente fechados dos metros e estrofes tradicionais. Há artistas que tentaram veicular as impressões do tempo passando na pintura. Isto é, do processo de movimento [...]. (MENDILOW, 1972, p. 13).

Há a ênfase por questões temporais, tanto na técnica de composição artística quanto em tema a ser expresso, isto é, na forma e no conteúdo.

Diante da percepção de que o tempo, delimitado por meio dos relógios, se diferencia da temporalidade da consciência humana, a filosofia de Bergson observa que o indivíduo vive uma sucessão ininterrupta de momentos qualitativos, indivisíveis entre si. Assim, o tempo percebido interiormente é impossível de ser mensurado. No momento em que se delimitam horas, minutos, segundos, ocorre uma espacialização do tempo. Então, para medir os instantes é necessário haver:

[...] uma continuidade de tempo real, ou seja, de duração, e um tempo espacializado, ou seja, uma linha que, descrita por um movimento, tornou-se por isso simbólica do tempo: esse tempo espacializado, que comporta pontos, ricocheteia no tempo real e faz surgir nele o instante (BERGSON, 2006, p. 62).

Observa-se que em contexto social impulsionado pela velocidade nas transformações, a sensação de instabilidade e de rapidez no fluxo temporal está relacionada ao tempo qualitativo, percepção temporal pautada na “duração”. Assim, a sensação de rapidez de fluxo temporal surge da impressão de que as vinte e quatro horas de um dia estão, cada vez mais, preenchendo espaço mínimo no conjunto temporal de uma vida.

Imersos na cotidianidade, os indivíduos não conseguem visualizar os acontecimentos por inteiro, enxergam apenas parcialidades do todo. Se a existência só tem sentido porque o ser está inserido em temporalidade, como apresentara Heidegger (1989), então se torna necessário compreender o tempo e vivenciá-lo, plenamente. Quando os afazeres do cotidiano encobrem a percepção temporal, há a sensação de perda do tempo e o “ente” não consegue ter consciência de si:

Justo no “ir vivendo” inerente à ocupação cotidiana, a pre-sença nunca se compreende como o transcurso ao longo de uma sequência contínua e duradoura de puros “agora”. Com base nesse encobrimento, o tempo que a pre-sença se dá também tem brechas, por assim dizer. É freqüente não se conseguir recompor o “dia”, recorrendo-se ao tempo “utilizado” (HEIDEGGER, 1989, p. 220, grifo do autor).

Entende-se o “agora” como fenômeno temporal que se prolonga no tempo, ao contrário do instante, que não se caracteriza como temporal, pois é imperceptível, e só “se temporaliza a partir do porvir em sentido próprio.” (HEIDEGGER, 1989, p.135). É possível representar o tempo, diante dessa afirmação, como fluxo contínuo de “agoras”. Cada ser optará por modos possíveis, nos quais a “pre-sença se dá” e “se deixa tempo”. Diante da velocidade de transformação, em sociedades que vivem sob o estigma da fugacidade nas relações, a “existência imprópria” produz a sensação de que se perde tempo; e as durações da “pre-sença” (os agoras) tornam-se sempre insuficientes.

2 A “Água viva” do tempo

Em “Água viva”, o intuito é discutir temas, perscrutar-se internamente e refletir o ato da escrita: “O que te escrevo é sério. Vai virar duro objeto imperecível.” (LISPECTOR, 2008, p.40). Observa-se constatação a respeito da possibilidade de eternizar-se por intermédio da escrita, além de demonstrar a contraposição entre o objeto livro que é perecível e a ressonância do que está contido nele – capaz de perdurar.

Por intermédio do título, sugere-se tanto a ideia de escritura semelhante a nascente de água, que brota, segue o ininterrupto fluxo, e oferece vida, quanto o parentesco com animal marinho, parado, flutuante, mas que concentra energia vital: a água viva. Antes da primeira publicação da obra, sabe-se que Clarice havia escrito versão mais ampla e com dois diferentes títulos: “Objeto gritante” e “Atrás do pensamento”, mas após “enxugar” o livro a autora decide-se por “Água viva”:

O que as palavras do título sugerem em primeiro lugar, mais do que nascente ou fonte, é uma medusa marinha. Não era este último o sentido que Clarice pretendia – “Eu prefiro Água viva, coisa que borbulha. Na fonte” –, mas para a obra sem enredo ou história, a sugestão de algo invertebrado e flutuante é especialmente adequada (MOSER, 2011, p. 542, grifo do autor).

No que se refere ao subtítulo “A ‘Água Viva’ do tempo”, empregado analogamente para este artigo, a acepção preferida por Clarice Lispector torna-se a mais adequada, pois a incansável e

frustrante busca clariciana por capturar os instantes, posta em ato primordial na obra, incita a se criar analogia entre tempo, de fluxo constante, e água, viva e corrente, brotando da terra, a fim de seguir o curso natural que também não para; além de que, no romance: “[...] a linguagem liquidifica-se em substância viva.” (GOTLIB, 1988, p. 188). Observa-se, diante desta perspectiva, que a ausência de enredo e personagens permite a criação de temporalidade fluida, desordenada, sem rédeas provenientes do mundo físico. Entretanto, é perceptível a presença do tempo objetivo, ou cronológico, unido à percepção temporal psicológica. O tempo psicológico:

Variável de indivíduo para indivíduo, [...] subjetivo e qualitativo, por oposição ao tempo físico da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz em função do passado ora em função de projetos futuros, é a mais imediata e mais óbvia expressão temporal humana (NUNES, 2002, p. 18-19).

Diante de tal conceituação, entende-se que o modo psíquico de conceber a transitoriedade do tempo, em consonância com delimitações objetivas de medidas temporais, provoca sentimento de frustração, proveniente da incompatibilidade observada entre o tempo psicológico e as referências físicas do tempo: “Agora é um instante. Você sente? eu sinto.” (LISPECTOR, 2008, p.42). A reflexão sugerida na obra demonstra que não existem parâmetros nem medidas temporais, tenta-se sentir os momentos e, sem precisão, determinar o grau de importância atribuído aos eventos. Nesse sentido, em “Água viva”, a temporalidade apresenta-se transmutada pela consciência. Privilegia-se, em geral, a realidade íntima e se faz ouvir a voz protagonista da narradora, no embate com a linguagem, durante o ato de escrever.

3 Sob o fluir do momento presente

“Água viva” é narrativa que busca representar o passar do tempo, de modo a se produzir ilusões de escrita simultânea à leitura: “Escrevo-te na hora mesma em si própria. Desenrolo-me apenas no atual.” (LISPECTOR, 2008, p. 24). Assim, o principal tema a ser

discutido é o embate entre escritor e linguagem, diante do desafio de criar noções temporais em textos de ficção.

O instante é celebrado, com o intuito de evidenciar a energia vital contida nesta experiência temporal fugaz e, ao mesmo tempo, enriquecedora. Como Santo Agostinho (1999, p. 326) antecipadamente constata, compreende-se que o único tempo que realmente pode existir é o presente, pois:

[...] a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no tempo presente, porque ainda está na minha memória. [...] Por conseguinte, quando se diz que se vêem os acontecimentos futuros, não se vêem os próprios acontecimentos ainda inexistentes [...] mas sim as suas causas, ou talvez os seus prognósticos já dotados de existência. Portanto, com relação aos que os vêem, esses acontecimentos não são futuros, mas sim presentes.

Observa-se que o pensador questiona-se e reflete acerca da percepção temporal humana, a qual apenas pode contemplar, como verdadeiras, as experiências do momento presente, que abriga em si o passado e o futuro. Tal constatação só é possível, ao se considerar a percepção de tempo conduzida pela alma humana.

Clarice Lispector também destaca a importância do presente, como única temporalidade de existência plena, e evidencia em “Água viva” a peculiaridade dos “instantes-já”:

O que falo é puro presente e este livro é uma linha reta no espaço. É sempre atual e o fotômetro de uma máquina fotográfica se abre e imediatamente fecha, mas guardando em si o flash. Mesmo que eu diga “vivi” ou “viverei” é presente porque eu os digo já (LISPECTOR, 2008, p. 17).

Do mesmo modo que, para a realidade psíquica, o passado e o futuro se presentificam, por intermédio da atualização feita pela memória, compreende-se também a capacidade que tem a leitura em atualizar qualquer espécie de relato. Neste sentido, por mais que os tempos verbais ou recursos retóricos indiquem tempo passado ou futuro, diante dos olhos e da imaginação do leitor é sempre presente.

Segundo Mendilow (1972, p. 110), trata-se de “presente fictício”: [...] alguém pode estar lendo hoje um romance escrito [...] num certo dia do ano de 1789, e sentir como se estivessem acontecendo agora neste momento de leitura, na sua presença e presente”.

Desse modo, cria-se a ilusão de temporalidade imediata e direta na mente do leitor.

O tempo verbal predominante em “Água viva” é o presente do indicativo, devido à busca em fotografar os instantes e vivenciar os momentos. Em poucos trechos utiliza-se o pretérito imperfeito, para se referir ao passado recente; e o pretérito perfeito para delimitar o passado remoto. No entanto, a insistência em privilegiar o tempo presente torna as incursões, pelo passado e futuro, raríssimas. Nesta perspectiva, o presente do indicativo é utilizado: “[...] para realçar os fatos passados, como se estivessem ocorrendo no momento em que se fala.” (SÁ, 1978, p. 112). Observa-se, assim, a produção de discurso que manifesta a ilusão de escrita simultânea à leitura.

É possível identificar reflexões sobre o passado e o futuro, no entanto os verbos instauram a impressão de momento presente:

Nova era, esta minha, e ela me anuncia para **já**. Tenho coragem? Por enquanto estou tendo: porque venho do sofrido longe, venho do inferno de amor mas **agora** estou livre de ti (LISPECTOR, 2008, p. 15, grifos meus).

A utilização de termos, como: “agora” e “já”, reforçam a ilusão de atualidade; e o tempo, que se constitui passado ou expectativa futura, é caracterizado de modo indefinido. O futuro se constitui tema a ser debatido e sugere a continuidade do presente: “O que vai ser já é. O futuro é para frente e para trás e para os lados. O futuro é o que sempre existiu e sempre existirá.” (LISPECTOR, 2008, p. 34). Enquanto que o tempo passado, em maioria, é representado por meio de memórias, semelhante à atmosfera de sonho. Além disso, o discurso, em certos trechos, é totalmente voltado para o presente, o que atribui ao texto aspecto de escrita dialogal (ilusória), entre narradora (escritora) e possíveis leitores.

4 Metáforas do instante

“Água viva” é construída, essencialmente, por intermédio de figuras imagísticas. Dentre elas, privilegiam-se aqui as metáforas. As produções claricianas apresentam intenso trato com a linguagem, a fim de produzir imagens sensoriais. Criam-se ideias mentais que se assemelham a aromas, sabores, cores, paisagens; no entanto:

[...] se existe um elemento icônico na metáfora, é igualmente claro que o ícone não é representado, mas simplesmente descrito; nada é, portanto, mostrado em imagens sensoriais; tudo se passa na linguagem. (RICOEUR, 2000, p. 282).

O jogo com os sentidos das palavras empregadas em contexto não habitual possibilitam a produção de sentidos múltiplos, que reiteram o exercício poético: “Estas minhas frases balbuciadas são feitas na hora mesma em que estão sendo escritas e crepitam de tão novas e verdes. Elas são o já.” (LISPECTOR, 2008, p. 25). Os vocábulos renovam-se devido à produção de metáforas.

A narração clariciana é realizada em formato de prosa; no entanto, o modo com que a escritora manipula a linguagem confere a obra traços poéticos. Em “Este ofício de poeta” (2010, p.46), de Jorge Luis Borges, há discussão a respeito da tendência atual de se considerar poesia apenas notas líricas, porém verifica-se evidência à possibilidade de se contar uma história em tom poético: “[...] E se, a par do prazer de nos contarem uma história obtivermos o prazer adicional da dignidade do poema, algo de grande terá acontecido.” Em outros termos, além da poesia, as demais manifestações literárias podem abrigar o lirismo. É o que ocorre na obra de Clarice Lispector. Segundo trecho produzido pela própria autora, a criatividade artística ultrapassa as barreiras de gênero e determinações de estilo: “Estou atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.” (LISPECTOR, 2008, p. 13). Subvertem-se convenções, pois se sugere haver liberdade criativa e autonomia, já conquistadas.

A descoberta do mistério que os instantes resguardam constitui a principal finalidade em “Água viva”, perceptível na imagem: “E aos instantes eu lhes tiro o sumo de fruta. Tenho que me destituir para

alcançar **cerne** e **semente de vida**. O instante é semente viva.” (LISPECTOR, 2008, p. 12, grifos meus). Relacionado às ideias de “cerne” ou “semente de vida”, o instante, que simboliza o tempo, está diretamente ligado ao sentido de viver; vida plena de significado. Assim, os sentimentos perseguidos pela humanidade na busca por vivenciar momentos singulares, de modo intenso, se concretizam neste mínimo interstício temporal:

[...] no amor o instante de impessoal **jóia** refulge no ar, glória estranha de corpo, matéria sensibilizada pelo arrepio dos instantes – e o que se sente é ao mesmo tempo que imaterial tão objetivo que acontece fora do **corpo, faiscante no alto**, alegria, [...]. (LISPECTOR, 2008, p. 10, grifos meus).

Entende-se que para o amor o tempo se constitui preciosidade, pois as emoções, evocadas por tal sentimento, transformam instantes fugazes em sensação de eternidade. As emoções adquirem tamanha força, que transcendem a subjetividade e se materializam, por meio de jogo sinestésico, sob a forma de imagens visuais e táteis: “jóia”, “corpo”, “faiscante no alto”. O que instiga é a dualidade compreendida no instante, o qual se caracteriza como frágil, porém completo em sentido, já que abriga no âmago o respectivo início e fim: “Fixo instantes súbitos que trazem em si a própria morte e outros nascem [...] e é de terrível beleza a sua seqüência e concomitância.” (LISPECTOR, 2008, p. 13). Esta figura capaz de unir noções contrárias é utilizada a fim de evidenciar a admiração pelo instante e a ânsia por paralisar o fluxo contínuo: “Fotografô cada instante.” (loc. cit.). Desse modo, em “Água viva”, a narrativa direciona-se para esta sutil experiência temporal com o intuito de capturá-la.

A presença do instante sugere-se ser furtiva; o que gera a sensação de fugacidade do tempo. Trata-se de transição temporal representada por figuras imagísticas relacionadas à rapidez, à velocidade e à instabilidade:

Mas o **instante-já** é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e o torna passado. Eu, viva e tremeluzente com os instantes, acendo-me e

me apago, acendo e apago, acendo e apago.” (LISPECTOR, 2008, p. 15, grifo meu).

Devido à dificuldade em apreender o “instante-já” – que é essência do tempo presente – a busca clariciana se evidencia. O desejo de alcançar o inatingível do tempo se concretiza na forma de imagens mentais e sensações psíquicas: “O instante é o vasto ovo **de vísceras mornas.**” (LISPECTOR, 2008, p. 39, grifos meus). Produz-se alusão a outro texto de Clarice Lispector, o conto “O ovo e a galinha”, que desperta inúmeras reflexões, ao apresentar dilemas do ser e da vida cotidiana, no instante em que o narrador-personagem depara-se com o ovo branco sobre a mesa. Do mesmo modo, o fluxo temporal, simbolizado pelos instantes que passam continuamente, em “Água viva”, resguarda infindáveis mistérios; e a expressão: “de vísceras mornas”, reforça o calor vital contido no instante.

Na afirmativa: “Mais que um instante quero o seu fluxo.” (LISPECTOR, 2008, p. 15), compreende-se que os instantes nascem e morrem, de modo sucessivo e ininterrupto. No entanto, a busca empreendida tende a perseguir objetivos contrários, porque, ao mesmo tempo, que deseja paralisar o tempo, tem-se a consciência de que é importante deixá-lo fluir livremente. A dificuldade em apreender os instantes é também expressa por imagens de carga emotiva intensa, relacionadas às noções de impedimento e sacrifício: “Sei o que estou fazendo aqui: conto os instantes que pingam e são grossos de sangue.” (LISPECTOR, 2008, p. 21). De modo similar, o instante remete à ideia de leveza e sutil presença, ao se estabelecer comparação com pássaro, ao tentar fugir de mãos que intencionam prendê-lo:

Segurar passarinho na concha meio fechada da mão é terrível, é como se tivesse os instantes trêmulos na mão. O passarinho espavorido esbate desordenadamente milhares de asas e de repente se tem na mão semicerrada as asas finas debatendo-se e de repente se torna intolerável e abre-se depressa a mão para libertar a presa leve. [...] Pássaros – eu os quero nas árvores ou voando longe de minhas mãos. Talvez certo dia venha a ficar íntima deles e a gozar-lhes a levíssima presença de instante (LISPECTOR, 2008, p. 45-46).

Assim, as metáforas do instante evidenciadas enfatizam frequentemente a rapidez e instabilidade vivenciadas na experiência

temporal do presente: “[...] É história de instantes que fogem como os trilhos fugitivos que se veem da janela do trem.” (LISPECTOR, 2008, p. 67). Neste sentido, há a representação da necessidade de se sentir os momentos com maior intensidade, pois são transitórios.

Em suma, a narração conduzida pela voz enunciada apresenta as próprias características e empreendimentos estéticos, em exercício metalinguístico, inclusive previamente comunica ao leitor que a narrativa, aparentemente, de curta extensão, se prolonga: “Tudo acaba mas o que eu te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.” (LISPECTOR, 2008, p. 86). Semelhante aos instantes fugidios, “Água Viva” segue fluxo interminável. Por esse motivo, pode-se conceber a obra como grande metáfora do tempo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. Livro XI: O homem e o tempo. In: _____. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade*: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CERQUEIRA, Marília Danielle Santos. *Confluências temporais em Clarice Lispector*: Análise de *Uma Aprendizagem* e *Água Viva*. 2013. 107f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

BORGES, J. L. *Este ofício de poeta*. Lisboa: Teorema, 2010.

GOTLIB, Nádía Battella. Um fio de voz: histórias de Clarice. In: NUNES, Benedito. *Lispector, Clarice. A paixão segundo GH*. Ed. crítica, coord. Benedito Nunes. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, S. J. de Costa Rica, Santiago do Chile: Allca XX, 1988. p. 161-195.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante, Petrópolis: Vozes, 1989.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Prumo, 2008.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MENDILOW, A. A. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: Globo, 1972.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto, São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2. ed., São Paulo: Ática, 2002.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução de Dion Davi Macedo, São Paulo: Loyola, 2000.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/Contexto I*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 75-97.

SÁ, Olga de. O tempo. In: _____. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 90-127.

Recebido em 29/03/2014

Aceito em 12/07/2014